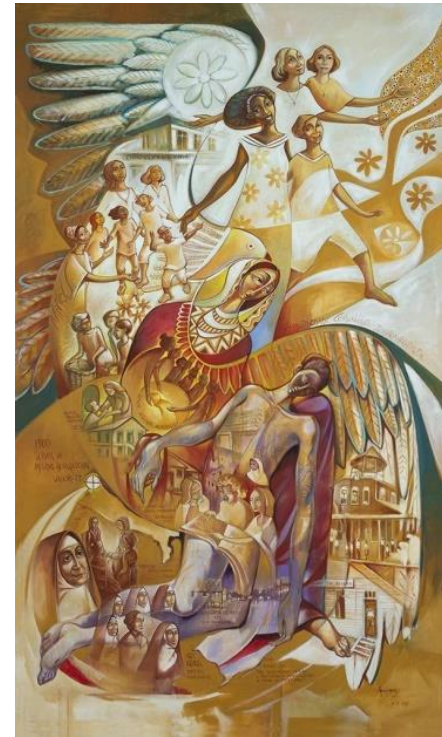


1
Ano XII

ESPAÇO MARIANO



- Maria de Nazaré – Primeira discípula do Filho, Jesus
- Quando o Espírito nos arrasta
- Uma força interior – Um amor que envolve

CONGREGAÇÃO DAS SERVAS DE MARIA REPARADORAS
Centro de Espiritualidade Maria, Mãe da Vida
Rua Olinda Ellis, 433 / Campo Grande - Rio de Janeiro/RJ
Tel.: (21) 3394-1146 / 3394-1209
Site: www.congregacaosmr.com.br

Ano 2021

TEXTO ABREVIADO DA EXPLICAÇÃO DA IMAGEM NA CAPA

Servas de Maria Reparadoras: uma inspiração que nasce da contemplação do Amor, na cena de Maria aos pés da Cruz, com Jesus nos braços. Espiritualidade cultivada a partir do seguimento de Jesus, na sua expressão mais forte e paradoxal: Deus, Criador de todas as coisas, “reduzido”, “esvaziado por si mesmo” (Filipenses 2,6-11) da sua condição divina a um corpo frágil e débil, necessitado e aparentemente derrotado. Como ponto de partida de inspiração para toda a obra, optei por uma releitura de uma obra clássica, de Maria aos pés da cruz e de Jesus, encarnando em nossa história de Brasil, a partir das nossas raízes indígena e africana.

Inspiradas neste gesto tão forte e profundo, as irmãs assumem sua missão de abraçar toda a criação ainda ferida e humilhada. Nesta releitura de uma “pietà” clássica, Maria assume traços de mulheres indígenas, na sua riqueza de adorno e beleza, acenando para a situação dramática em que vivem nossos povos indígenas originários. O Filho consolado nos braços da Mãe nos remete à situação de tantos jovens negros e pobres, cujas vidas são ceifadas por estruturas ainda muito carentes de amor e justiça. Ela o acolhe em seus braços com a ternura de quem só consegue dar amor. A mulher, Maria de Nazaré, como tantas Marias, segura nos braços o jovem Cristo, revivido em tantas situações nos dias de hoje, como Deus acolhe o Verbo que se encarnou, foi fiel ao seu amor até às últimas consequências e retorna para os seus braços maternos.

O desafio de reparar a dor e fazer gerar dela, o amor, continua a se perpetuar através daquelas e daqueles que, a exemplo de Maria e de seu Filho Jesus, deixam suas terras e se encarnam na vida dos mais pobres e sofredores, num espírito de sororidade que repara as raízes provocadoras de dor e sofrimento, em vida e dignidade. A Cruz, a cena forte de Maria com Jesus no colo, simboliza os desafios de curar feridas, enxugar lágrimas e restituir a dignidade que nos foi dada de herança como filhas e filhos de Deus (Rm 8,17).

Começando da parte inferior esquerda, temos um marco com uma cruz iluminada, pascal, na cidade de Vidor, Itália, berço onde tudo começou, o chão onde essas primeiras mulheres, em comunidade e com a fundadora, Madre Elisa Andreoli e sua mãe, deram seus primeiros passos.

Junto aos pés de Jesus, estão as cinco irmãs e a postulante, missionárias que aceitaram o chamado e partiram em missão para o Brasil: “Ide pelo mundo inteiro e proclamai o Evangelho a todas as criaturas” (Bento XV, 1919). Ao longo do caminho, aparecem imagens da primeira residência das irmãs em Sena Madureira, escolas, hospitais e missões.

As imagens que foram figuradas no painel pretendem ilustrar, de forma simbólica, todas as obras e ações das irmãs, que atenderam a tantos clamores, em destaque para educação, saúde e catequese. Obras que serão semeadas no Brasil e em outros países da América Latina, como Argentina, Peru, Bolívia e México.

Juiz de Fora, 26 de fevereiro de 2019.

Anderson Augusto S. Pereira

APRESENTAÇÃO

A Campanha da Fraternidade Ecumênica 2021, com o Lema: *Cristo é nossa Paz*: “Do que era dividido, fez uma unidade” (Ef 2, 14a), é um significativo sinal de esperança almejado por pessoas que nos antecederam na caminhada ecumênica, mas também por muitas outras, inclusive por nós, leitoras e leitores de *Espaço Mariano*, comprometidos/as no seguimento de Jesus Cristo e no aprofundamento sobre a vida de Maria de Nazaré, Mãe e discípula de seu Filho, a mulher de fé e da unidade. Em relação ao tema da fraternidade-unidade, Irmã Mônica evidencia o quanto a intolerância religiosa tem aumentado em nossos dias; evidencia que muitos ataques, infelizmente, são praticados por grupos que se dizem cristãos e que agem em nome de Deus... Diante dessa realidade, como é urgente perceber, acolher Maria, mulher de fé e promotora de comunhão, no chão da nossa realidade, tê-la como companheira de caminhada no dia a dia, pois ela viveu assim com seu Filho, Jesus.

Alegra-nos profundamente acolher e interiorizar também o conteúdo que o Pe. Adroaldo Palaoro, SJ, nos presenteia neste tempo especial que estamos vivendo. Ele nos desperta sobre o privilégio de iniciar este tempo litúrgico, intenso e forte, chamado “tempo quaresmal”, deixando-nos “arrastar” pelo mesmo Espírito de Jesus; tempo único que nos oferece a possibilidade de fazer uma estratégica parada, de buscar o deserto em meio ao cotidiano, de sair das nossas inércias, para transitar por novas paisagens. Este é realmente um dom que o Senhor nos oferece!

Enfim, temos a graça de um maior conhecimento sobre a espiritualidade de Maria Inglese, como religiosa SMR, Irmã Maria Dolores, no seu caminhado de discipulado, alimentado pelo seu imenso amor a Maria, a Mãe do olhar misericordioso sobre o mundo. Ela, desde jovem, fala com Maria como a uma amiga íntima, escreve sob sua inspiração e anuncia o amor e a misericórdia de Deus pela humanidade. Para Irmã Maria Dolores a “Reparação Mariana”, não se tratava somente de um conjunto de práticas de devoção, mas de um modo de viver a vocação cristã, através do serviço às pessoas necessitadas, a exemplo de Maria, de colaborar no anúncio do Reino de Deus, o Reino da justiça, da paz, na obra da redenção-reconciliação realizada por Jesus Cristo.

A redação

I MARIA DE NAZARÉ PRIMEIRA DISCÍPULA DO FILHO, JESUS

Neste ano de 2021, *Espaço Mariano* convida o/a leitor/a entrar em três salas:

Primeira sala

Ecumenismo: A graça da diversidade

O convite para entrar na sala da diversidade, da unidade, da comunhão, chegará através da ponte, da Palavra e das palavras, desse artigo.

Utilizarei algumas palavras: do Monge Marcelo Barros e de duas Senhoras casadas que rezam e são comprometidas no aprofundamento de sua fé, estudando a Palavra – Jesus de Nazaré, o nascido de mulher – Gl 4,4-7.

Estaremos nessa sala imaginária! Porém, real porque as palavras e a Palavra de Deus colocam realidade/pé no chão, quando as pessoas desejam viver uma experiência juntas.

Estas *salas, artigos* no *Espaço Mariano* desse ano, é um querer mostrar Maria de Nazaré como mulher possível de conhecer e senti-la na Palavra, seu Filho gerado no amor, por amor e com o amor de Deus e o de José, o carpinteiro de Nazaré. Essa jovem judia, mãe e discípula, por alguns anos no cristianismo foi observada e trazida para o universo cristão – piedade/devoção – pelas portas da palavra: oral e escrita. Seja na poesia, pintura, obra de arte-gesso, madeira, cimento... Mulheres e homens, atualmente, escrevem ecumenicamente e propõem um diálogo inter-religioso. É a reflexão que se inicia agora. Sinta-se à vontade nessa *sala*, por favor!



O dia 21 de janeiro é comemorado como “o dia nacional de combate à intolerância religiosa”, comemoração criada pela lei federal n. 11.635 de 27 de dezembro de 2007.

Em relação a esta comemoração, eis o que afirma o monge Marcelo Barros: “Mesmo com a criação dessa data significativa e sua celebração a cada ano, infelizmente, nos nossos dias, a intolerância religiosa tem aumentado. Pior ainda, atualmente ela é menos combatida do que antes. Em vários países, há preconceitos contra muçulmanos, como se todos fossem terroristas. No Brasil, a cada dia, se registram casos de discriminações e perseguições a alguns grupos religiosos, principalmente, comunidades das religiões afrodescendentes. Apesar da Constituição Brasileira defender a liberdade de culto para todas as religiões, programas de rádio e televisão pregam a intolerância e combatem o culto afro”.

O mais grave é que os ataques e atos de violência religiosa não são praticados por ateus dogmáticos, contrários à religião. São cometidos por grupos que se dizem cristãos e agem em nome de Deus. Apoiam-se em uma leitura literal e fanática de alguns textos bíblicos para justificar a imagem de um Deus cruel, violento e intolerante. Grupos neopentecostais e alguns católicos de linha carismática parecem não perceber que, em pleno século XXI, essas leis culturais da Ásia antiga não podem ser consideradas como vindas de Deus.

Durante séculos, a Igreja Católica se proclamou como a única religião verdadeira e sistematicamente combatia as outras. Somente há 50 anos, em 1965, ao concluir o Concílio Vaticano II a Igreja Católica publicou a Declaração *Nostra Aetate* que reconhece o valor das outras religiões e incentiva os fiéis a *valorizar o diferente e praticar o diálogo*.

Da parte das Igrejas evangélicas históricas, em 1961, o Conselho Mundial de Igrejas, que reúne 349 Confissões evangélicas e ortodoxas, em sua assembleia geral em Nova Délhi, pediu às Igrejas respeito e diálogo com todas as culturas e colaboração com outras tradições religiosas.

De fato, todas as religiões pregam amor, compaixão e misericórdia. Entretanto, quando se tornam dogmáticas e autoritárias, se transformam em instrumentos de fanatismo e

canais de intolerância. Confundem a verdade com uma forma cultural de expressar a verdade. Assim, absolutizam dogmas e acabam justificando conflitos e guerras em nome de Deus.

Finalizando. A diversidade cultural e religiosa, atualmente, se impõe à humanidade. É uma graça divina e bênção para as tradições religiosas. Para que entre as religiões, o diálogo possa ser profundo, cada grupo tem de reconhecer que Deus lhe revela o seu amor e o seu projeto para a humanidade, não só através da sua própria tradição, mas também do caminho religioso do outro.

E outra vez Marcelo Barros nos ajuda a refletir quando salientou em um dos seus blogs:

No tempo do nazismo, de uma prisão alemã, escrevia o pastor Dietrich Bonhoeffer, teólogo luterano: “*Deus está em mim, mas para me abrir ao outro. Em mim, é uma presença fraca para mim mesmo e é forte para o outro. Ele está no diferente, mas a sua presença é para mim. Assim, Deus é amor e se encontra quando encontramos o outro, o diferente*”.

É de conhecimento de algumas pessoas cristãs a dificuldade dialogal no que corresponde a Maria de Nazaré. Quando tentamos celebrar a Palavra, Jesus, refletirmos sobre ser Igreja – comunidade de fé – encontramos, às vezes, arrelia, antagonismo intolerância. Com a pessoa de Maria, não é diferente.

Por esse motivo segue a palavra da Sra. Solange: “Minha contribuição, é a partir da leitura de alguns artigos (-25,29,34,37,38,39-) do Documento da *Marialis Cultus*, do Papa Paulo VI.

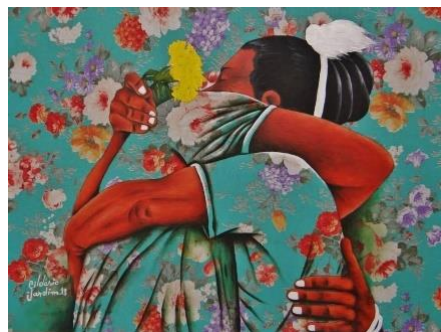
É necessário um olhar atento às realidades contemporâneas e perceber a Maria Mulher presente em cada um/a de nós, como nos lembra a poesia/canção do Padre Zezinho – “Maria que fez o Cristo falar, Maria que fez Jesus caminhar... Maria do povo meu”.

Assim é Maria, próxima de nós, companheira de caminhada nas lutas diárias, nas alegrias, nos desafios da vida familiar, da presença feminina em alguns espaços: profissional, político e até religioso. A realidade de sociedade patriarcal vivida por Maria, apesar de alguns avanços, ainda sobrevive. Nesse sentido, ao contemplar, com espírito evangélico e crítico a figura e missão dessa forte mulher, como tantas mulheres presentes na

história de ontem e de hoje que com coragem, audácia e confiança segue realizando sua missão, é possível ver uma Maria muito atenta aos fatos que a rodeou assim como percebeu quando seu filho Jesus decidiu seguir seu próprio caminho. Não é assim a relação mãe/filho?”

É urgente plantar Maria no chão de nossa realidade. Ela mesma livremente assumiu sua realidade como judia, mãe, esposa e trabalhadora sem deixar de ser aquela que medita tudo o que acontecia com o filho. Vale apenas recordar o evangelista Lucas 2, 18-19. “¹⁸E todos os que ouviram se maravilharam do que os pastores lhes diziam. ¹⁹Mas Maria guardava todas estas coisas, conferindo-as em seu coração”. E o versículo “⁵¹E desceu com eles, e foi para Nazaré, e era-lhes submisso. E sua mãe guardava todas estas coisas no seu coração”. Como sabemos, simbolicamente o coração é a fonte da profundidade de todo ser humano.

É necessário pensar mais a Maria que caminha conosco e menos a Maria coroada no céu para mantermos um diálogo ecumênico e inter-religioso nos nossos dias. Que tal convidar, virtual ou presencialmente, alguém para tomar acento e conversar



sobre isso?

Na sequência, eis a palavra da sra. Maria Odete: “Minha contribuição é sobre a Constituição *Lumen Gentium*, mais especificamente o Capítulo VIII, elaborada no Concílio Ecumênico Vaticano II. Após uma árdua batalha de

questionamentos, posições contrárias dos padres conciliares e sendo ponderado o processo linguístico, após algumas concessões finais são redigidas e promulgadas as afirmações sobre Maria. A mãe de Jesus é colocada como modelo da Igreja.”

Mas, trago-lhes algumas pertinentes posições a serem conhecidas e analisadas, baseadas nas iluminações da escritora e teóloga Elizabeth Johnson em seu livro: *Nossa verdadeira irmã*.

Teologia de Maria na comunhão dos santos. Ela nos orienta a pensar e olhar mais apropriadamente Maria de Nazaré, como também nos propõe com sua apresentação a exercitarmos o dialogar, ouvir, acolher outras visões e reflexões, um caminho ecumênico, e também voltarmos aos inícios afirmando:

A- Toda menina judia era criada/educada/preparada na fé dos seus ancestrais, conhecedoras da Torá, para ser a mãe do Messias. E Maria dá o seu sim, consciente, com coragem e fé (Lc 1, 26-28). Especificamente Lc 1, 34.38.

B- Maria, por ser pobre, foi mãe que experimentou rejeição, veja Lc 2, 7. Também vivenciou a perseguição com José, sofreu, mas soube amar, cuidar, educar e seguir os passos de seu Filho Jesus. Leia Mt 2,13-15, Maria, como toda mãe de hoje, lutou para proteger, educar e alimentar seu filho.

A exegese da teóloga nos direciona para uma Mulher sem necessidades de títulos ou honrarias, mas sim:

*uma mulher real: às vezes forte, corajosa. Às vezes, por conta da sua humanidade!

* seguidora de seu Filho por todos os caminhos, sendo sua primeira discípula, até chegar ao calvário.

Maria está no lugar que é seu, na comunhão dos santos, ao lado de todos os apóstolos e apóstolas, seguidores e seguidoras de Jesus, que souberam guardar a fé e acreditaram nesse ser humano revelador do Divino e que está entre nós para nossa salvação.

A centralidade da Constituição Dogmática, *Lumen Gentium* é Jesus, único Mediador entre Deus e a humanidade. Para Ele sim, toda honra e toda glória. Amém.

Saliento que o conteúdo da apresentação acima é desenvolver um diálogo ecumênico, inter-religioso. Esse diálogo é possível? Converse com alguém!

Sra. Maria Odete Nunes da Silva RJ

Sra. Solange Leal Pereira RJ

Ir Maria Monica Gomes Coutinho smr - Caculé/BA

II QUANDO O ESPÍRITO NOS ARRASTA...

“E imediatamente o Espírito impeliu Jesus para o deserto...” (Mc 1,12)

É um privilégio iniciar este tempo litúrgico, intenso e forte, chamado “tempo quaresmal”, deixando-nos “arrastar” pelo mesmo Espírito de Jesus; tempo único que nos oferece a possibilidade de fazer uma estratégica parada, de buscar o deserto em meio ao cotidiano, de plantar os pés na terra firme do evangelho e assim viver um compromisso transformador em nossa realidade. Nesse espaço e nesse tempo de maior despojamento, podemos sair de nossas inércias, podemos deixar de lado nossas seguranças e comodidades para transitar por novas paisagens. Há muitos modos de fazer isso: assumir com seriedade esse momento, investir no cuidado interior, abster-nos do rotineiro para abrir-nos ao inesperado e surpreendente...

Enfim, Quaresma sempre indica um tempo especial, de crise-crescimento; hoje diríamos, de discernimento. E o que devemos discernir? Qual é o crescimento-maturação que o tempo quaresmal nos propõe?

O discernimento implica, em primeiro lugar, uma escuta



atenta e uma profunda sintonia com o mesmo Espírito que atuava em Jesus, para fazermos opções mais evangélicas, a serviço da vida. É o Espírito, força de vida e amor, que nos conduz ao deserto para “desintoxicar-nos” de

um modo de viver atrofiado, imposto por um contexto social centrado na busca de poder e prestígio, com seus inimigos mortais da competição, do consumismo, do preconceito e que, lentamente, envenenam nossa

vida, instigando-nos a romper as relações de comunhão e compromisso. É preciso, de tempos em tempos, sair de nossos espaços rotineiros e “normóticos”, deslocar-nos para os amplos espaços do deserto, lugar despojado de tudo, para ali viver de novo o encontro com a Voz e a Força que nos devolvem à vida, com outra inspiração. Ali, guiados pelo Espírito, teremos a oportunidade de aprofundar nossa relação com a Fonte do Amor que, depois, se expandirá numa nova relação com os outros e com a natureza.

Neste ano, a Campanha da Fraternidade está centrada no tema do “diálogo”; e o deserto quaresmal ajuda a limpar os canais de comunicação que estão obstruídos pelo excesso de gordura do nosso “ego”: auto-centramento, busca dos próprios interesses, vaidades, ... Sabemos que o diálogo implica um des-centramento, uma saída de si, para escutar e acolher o outro na sua diferença. O diálogo entre diferentes nos humaniza. Aqui não há mais lugar para o julgamento, a suspeita, o fanatismo, a intolerância..., nas diferentes situações da vida: religiosa, social, política, cultural, racial... Dialogar é abrir-nos ao outro diferente, sair do nosso próprio mundo, criar vínculos com outras pessoas, conhecer seu modo de ser e pensar..., multiplicando assim os pontos de vista, para enriquecer-nos humanamente, dilatar os horizontes, crescer pessoalmente.

Todo primeiro domingo da quaresma a liturgia nos conduz até o deserto, onde Jesus foi “tentado”.

Tradicionalmente, as tentações de Jesus foram interpretadas num sentido moralizante; costumava-se dizer que Jesus nos queria dar o exemplo de fortaleza para nos ajudar a superar nossas tentações cotidianas.

Tal interpretação não capta em toda sua profundidade o sentido das “tentações de Jesus”.

As tentações não são tanto uma “prova” a superar quanto um projeto que deve ser discernido.

O que parece certo, teológica e historicamente, é afirmar que Jesus, depois do batismo, buscou o deserto para um tempo de discernimento, em oração, em solidão, diante do Pai que o proclamou seu Filho, sob o impulso do Espírito; de algum modo

teve de refletir e discernir sobre qual seria seu estilo de messianismo que deveria assumir para sua missão, em sua vida pública. É um tempo de confronto interior, de crise.

A “crise” põe à prova sua atitude frente a Deus: como viver sua missão e a partir de quê lugar? Buscando seu próprio interesse ou escutando fielmente Palavra do Pai? Como deverá atuar? Dominando os outros ou pondo-se a seu serviço? Buscando poder e sua própria glória ou a vontade de Deus? ...

As tentações são, pois, expressão da oferta de dois tipos de messianismos, dois projetos, duas lógicas que se opõem.

* Por um lado, está a lógica da autossuficiência, da segurança, a partir do centro, a partir de cima, um messianismo triunfalista, evitando conflitos com o poder político e religioso, alheio ao sofrimento do povo; uma lógica que supõe adaptação ao “sistema”, ser servido antes que servir.

* E, por outro lado, aparece a lógica da solidariedade, a partir da margem e da periferia da sociedade política e religiosa, a partir do povo, a partir de baixo, vivendo a filiação e a confiança no Pai, em gratuidade, num estilo de simplicidade e pobreza alternativo ao “sistema”, optando por servir antes que ser servido; uma lógica de inclusão e de vulnerabilidade frente o sofrimento do povo, na linha do Servo de Javé e dos grandes profetas de Israel.

Fruto da experiência batismal de sentir-se Filho e do discernimento do deserto, Jesus elege a lógica da solidariedade e do serviço, a partir dos últimos. Assim como foi “impelido” pelo Espírito ao deserto, Jesus se deixa conduzir pelo mesmo Espírito em direção às margens excluídas, às “periferias existenciais”.

A partir deste discernimento e opção, o messianismo de Jesus se manifesta como “diferente” daquilo que muitos esperavam em Israel. O fato surpreendente é que Jesus começa a falar e a agir a partir da margem geográfica, cultural, religiosa e econômica da Palestina: a Galileia.

Jesus rompeu com a família, afastou-se da vida normal que levava, iniciou uma vida itinerante e passou a viver a partir de um sonho: a utopia do Reino.

Vivendo no meio de uma realidade conflituosa, de exploração, de desintegração das instituições, de injustiças... Jesus,

unido ao Pai, torna-se aluno dos fatos, descobre dentro deles a chegada da hora de Deus e anuncia ao povo: “O tempo já se completou e o REINO de Deus está próximo. Converti-vos e crede no Evangelho!” (Mc 1,15).

Ele vem realizar as esperanças do povo, despertadas e alimentadas ao longo dos séculos, pelos profetas.

Com sua vida e sua palavra, Jesus interrompe o discurso dos especialistas sobre Deus. Ele não tinha uma instituição em que pudesse se apoiar; tudo brotava de dentro.

Enquanto todos tinham os olhos voltados para o centro (sobretudo para o templo de Jerusalém onde era elaborado o saber que ia se expandindo até chegar à menor das sinagogas), Jesus revela sua presença nas “periferias” do mundo. A partir daí todos nós também devemos dirigir constantemente o olhar para as “novas periferias”, lugar onde Ele continua nos convocando.

“O discípulo-missionário é um des-centrado: o centro é Jesus Cristo que convoca e envia. O discípulo é enviado para as periferias existenciais. A posição do discípulo-missionário não é a de centro, mas de periferias: vive em tensão para as periferias” (Papa Francisco)

Que significa “fronteiras geográficas e existenciais”? É preciso sair dos limites conhecidos; sair de nossas seguranças para adentrar-nos no terreno do incerto; sair dos espaços onde nos sentimos fortes para arriscar-nos a transitar por lugares onde somos frágeis; sair do inquestionável para enfrentarmos o novo...

É decisivo estar dispostos a abrir espaços em nossa história a novas pessoas e situações, novos encontros, novas experiências.... Porque sempre há algo diferente e inesperado que pode nos enriquecer...

A vida está cheia de possibilidades e surpresas; inumeráveis caminhos que podemos percorrer; pessoas instigantes que aparecem em nossas vidas; encontros, diálogos, aprendizagens, motivos para celebrar, lições que aprenderemos e nos farão um pouco mais lúcidos, mais humanos e mais simples...

A periferia passa a ser terra privilegiada onde nasce o “novo”, por obra do Espírito. Ali aparece o broto original do “nunca visto”, que em sua pequenez de fermento profético torna-

se um desafio ao imobilismo petrificado e um questionamento à ordem estabelecida.

Texto bíblico: Mc 1,12-15



Quaresma:
Convite à conversão

Na oração: Quaresma é tempo para desintoxicação existencial: feridas mal curadas, fracassos, modos fechados de viver, intolerâncias, legalismos e moralismos, ...
- De que você precisa se desintoxicar? De que você precisa se alimentar ao longo deste tempo quaresmal?

Pe. Adroaldo Palaoro, SJ

Imagem: www.paulus.com.br

III UMA FORÇA INTERIOR ...UM AMOR QUE ENVOLVE

Um aprofundamento sobre a relação vital com a Virgem Maria de Irmã Maria Dolores Inglese das Servas de Maria Reparadoras

“Mas, vos parece justo, vós na Igreja principal de Rovigo (Duomo) e nós em Via Bagni para a vossa Obra de reparação?”. Este diálogo, genuíno e sincero como entre duas amigas, que Irmã Maria Dolores (nome civil: Maria Inglese) detém com a imagem de Nossa Senhora das Dores de Rovigo – que se encontrava na capela do Crucifixo da Igreja principal de Rovigo (Duomo), após a transformação da pequena igreja de São Miguel Arcanjo, em hospital militar durante Primeira guerra mundial –, motivou-me a aprofundar a intensa relação de Irmã Maria Dolores com a Virgem Mãe, no Centenário da transladação da imagem no Noviciado da nossa Congregação religiosa, na época, em Via Bagni (hoje, Via Levico), e no 92º aniversário do nascimento ao céu da Venerável Serva de Deus, Irmã Maria Dolores.

Escrevia Madre Maria Elisa Andreoli, fundadora das Servas de Maria Reparadoras, na sua *Agenda*, em 29 de dezembro de 1911: “Entra Maria Inglese, alma privilegiada de Nossa Senhora das Dores. Ela propagou e fundou a Reparação a Nossa Senhora das Dores; agora, pela sua grande divulgação tem necessidade de um Centro. Nossa Senhora escolheu a nossa Ínfima Comunidade”.

Na *Autobiografia*, que no fundo é uma contínua oração a Nossa Senhora, Irmã Maria Dolores afirmava: “A singela Senhora havia-me roubado o coração”; e suplicava: “Virgem Santa, na minha pequenez, que poderei fazer para agradar-vos?”. Um amor intenso é sempre divulgado, desejoso de envolver outras pessoas, de exprimir-se com gestos concretos. Desde a sua juventude ela ouviu o convite de Nossa Senhora: “Minha Maria, te recomendo: Faça algo para mim...”. A resposta de Maria Inglese tinha nome: “Reparação Mariana”; ela havia encontrado esta resposta através

de uma contínua procura de propostas simples, mas capazes de envolver um grande número de pessoas e a inteira Congregação das Servas de Maria Reparadoras.

Uma particular força interior a movia e, Nossa Senhora, era a sua referência: “Mas, se não recorremos a vós, que sois a nossa muito amada Mãe, como teríamos a coragem de dirigir-nos ao vosso divino Filho? Bem sabemos, ó Virgem bendita, que as nossas humildes orações, apresentadas pelas vossas mãos ao vosso divino Filho Jesus, atraem sobre nós e sobre a Igreja as mais eleitas bênçãos” (*Tríduo a Nossa Senhora das Graças*, 3).

As fontes que nutriam o amor intenso de Irmã Maria Dolores a Nossa Senhora eram: a oração e a contemplação, esta última como meio eficaz para debruçar-se no mistério e para permanecer profundamente envolvida nele. Para quem lhe pedia um conselho ela escrevia: “Minha querida, muita coragem, oração perseverante, confiança ilimitada n’Aquele que tudo pode junto ao Senhor”.

Para Irmã Maria Dolores, era importante também a relação entre contemplação e ação. Esta união transparece com evidência num trecho da *Autobiografia*: “Muitas vezes, após um dia de trabalho, eu não sentia a necessidade de descanso, mas, sim, de escrever alguma coisa para a minha querida e celeste Senhora. Então, pegava papel, caneta, tinteiro e me sentava perto de uma imagem de Nossa Senhora das Dores, que eu conservava em uma pequena sala, e

lhe dizia: “Minha querida Senhora, o que devo escrever”? Naqueles momentos sentia o coração cheio de afeto para com a minha singela consoladora ao ponto de me prostrar aos seus pés. Oh! Momentos de paraíso. Parecia-me viver uma outra vida e, sem perceber, passava longas horas diante da sagrada imagem... Finalmente, me ocorria que devia escrever e, frequentemente, eu

ouvia sussurrar as frases de maneira que, em poucos minutos, havia me desempenhado”.

Tendo-se tornada Irmã e realizado o desejo de ver a imagem da Virgem Dolorosa – que se encontrava na Igreja de São Miguel Arcanjo, de Rovigo, onde também ela havia sido testemunha do evento prodigioso do dia 1º de maio de 1895 –, colocada na sua própria casa e na capela do Noviciado, foram muitas as horas de oração e de contemplação vividas por ela.

De Jesus Sacramentado e da “sua” amada Senhora alimentava a sua alma e o vigor para um eficaz apostolado. Sempre escrevia na *Autobiografia*: “Gostaria de dizer-vos muitas coisas, ó minha querida mãe; gostaria ter **capacidade** suficiente para poder exprimir, ao menos um pouco a imensa gratidão do meu pobre coração; gostaria que o vosso nome fosse honrado e bendito; gostaria que de um canto a outro da terra ressoasse o doce eco: *Quanto vós sois bondosa, ó Maria!*”. E no Periódico *Liga mariana reparadora*, XIII (1928), n. 4, anotava: “A intimidade com Maria conduz à intimidade com Jesus e faz atingir a santidade. Ele veio a nós por meio dela, e por meio dela se compraz de dar-nos as suas graças. Portanto, elevamos com confiança filial o nosso cântico e nossa prece a Maria”.

A Encíclica de Pio XI *Miserentissimus Redemptor* (8 de maio de 1928), sobre o culto ao Sagrado Coração de Jesus, a confirmou notavelmente na intuição da analogia entre a reparação ao Coração de Jesus e a Reparação Mariana, analogia que havia identificado o início da sua Obra e dava ao seu zelo apostólico a certeza de ter “construído sobre a rocha”.

De fato, para Irmã Maria Dolores a Reparação Mariana, não era somente um conjunto de práticas de devoção, mas um modo de viver a vocação cristã, também através do serviço às pessoas, colaborando com Cristo, a exemplo de Maria, ao advento do Reino de Deus, favorecendo a justiça e a paz, respondendo ao mal com o bem, reconciliando-se e perdendo-se no espírito de uma verdadeira comunhão fraterna.

Os “sonhos e visões” tiveram um papel determinante na vida espiritual de Irmã Maria Dolores. Ela mesma fala sobre isto “com discrição”, sem com isto comparar-se aos personagens do



Antigo Testamento. Na vida da Serva de Deus esses destacam as suas decisões; na verdade são reconduzidos a um único sonho que se alimenta de diálogos noturnos com a Virgem Maria, dando forma a toda a sua vida.

Este único sonho se intensifica quando acontece o fenômeno prodigioso do movimento dos olhos da Virgem Dolorosa, que reconduz continuamente Maria Inglese ao pé da Cruz de Jesus, onde a Mãe “estava” (cf. Jo 19,25): um “estar” que define a participação de Maria no mistério da Redenção e exorta os fiéis a associar-se, com ela, a Jesus Crucificado para a salvação da humanidade.

O profundo vínculo com Jesus Cristo na Reparação Mariana é por Irmã Maria Dolores Inglese, vivido autenticamente com fervor extraordinário. Basta pensar na centralidade do culto Eucarístico que ela praticava com a Comunhão cotidiana e a oração prolongada diante do Santíssimo Sacramento.

À sua morte (em 29 de dezembro de 1928), Madre Elisa escreve no seu caderno de *Memórias*: “no dia 29 de dezembro, em Rovigo, morreu Maria Dolores Inglese, Vigária Geral do Instituto a partir de 1920. Todos conhecem a sua vida exemplar como leiga e como religiosa. O quanto ela fez pela Reparação Mariana a Maria Santíssima, madre Elisa escreveu nas páginas anteriores. Alma santa, que gozas no paraíso o prêmio, reza por mim, Maria Elisa, que tanto amavas!”.

Também nós, Irmãs e Leigos/as que partilham a vida e missão junto às nossas comunidades, valorizamos o seu testemunho de vida como leiga, Serva de Maria e animadora incansável da Reparação Mariana; reconhecemos a sua herança espiritual como um dom precioso *na e pela* Igreja. Hoje, atentas/os ao Espírito que continua iluminando o caminho para a vida, somos convidados/as a dedicar-nos na Igreja por uma nova humanidade em Jesus Cristo, nosso irmão.

Maria Grazia Comparini smr

Postuladora = Encarregada pela Causa de Beatificação de Madre Elisa e Irmã Dolores.

(Tradução: *Riparazione Mariana*, 3-4/2020, Centro Mariano – Rovigo – Itália, p.16-17).

Queridas leitoras e leitores, desejamos um bom proveito na interiorização deste conteúdo neste tempo de pandemia que ainda perdura. Portanto, precisamos alimentar a esperança e dias melhores em relação ao cuidado da vida humana, do planeta, e, por isso, da fé, da solidariedade, dos valores essenciais. Jesus é o centro de nossa vida. Ele nos convoca para que todos/as sejam seus discípulos e discípulas as a serviço do Reino, da solidariedade, da misericórdia e da paz.

ORAÇÃO PELO CENTENÁRIO SMR NO BRASIL

Obrigada, Senhor, por enviar as IRMÃS da Itália para semear, em terras brasileiras, as sementes do Carisma e Espiritualidade das Servas de Maria Reparadoras!

Obrigada, por Madre Elisa Andreoli nossa Fundadora, aceitar enviar as IRMÃS para Sena Madureira, Acre, em 1921, com o ideal de tornar Jesus Cristo conhecido e amado por muitos corações! Obrigada, Deus, pela difusão da Congregação na Itália, Brasil, Argentina, Costa do Marfim, Albânia, Portugal, Bolívia, Filipinas, Peru, Togo e México, e através destas fundações fizestes nascer os grupos da Associação Nossa Senhora das Dores (ANSD) que, fazendo parte dá família dos Servos e Servas de Santa Maria, também agradecem por estes Cem anos, onde cada filho e filha experenciam a Tua misericórdia e bondade infinita de Pai amoroso sempre presente na história!

Obrigada por MARIA, Mãe de Jesus e nossa, que nos inspira e impulsiona a prosseguir nesta missão de Amar, Servir e Reparar em cada lugar por onde a Tua presença amorosa se manifesta em nosso ser e viver!

A Ti, ó Deus Pai, Filho e Espírito Santo, a nossa gratidão. Amém!

Equipe de Reflexão